



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA DA SEXUALIDADE: O PAPEL DO PROFESSOR

KARLA FIRMINO DA SILVA

JOÃO PESSOA - PB
NOVEMBRO DE 2016

KARLA FIRMINO DA SILVA

PEDAGOGIA DA SEXUALIDADE: O PAPEL DO PROFESSOR

Monografia apresentada ao laboratório de estágio (LAES) do Curso de pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia

Prof.^a Dr.^a Margarida Sonia
Orientadora

JOÃO PESSOA - PB
NOVEMBRO DE 2016

S586p Silva, Karla Firmino da.
Pedagogia da sexualidade: o papel do professor / Karla
Firmino da Silva.- João Pessoa, 2016.
36f.
Orientadora: Margarida Sonia Marinho do Monte Silva
Monografia (Graduação) - UFPB/CE
1. Pedagogia. 2. Educação infantil. 3. Perspectivas
pedagógicas. 4. Pedagogia da sexualidade.

UFPB/BC

CDU: 37.013(043.2)

KARLA FIRMINO DA SILVA

PEDAGOGIA DA SEXUALIDADE: O PAPEL DO PROFESSOR

AVALIAÇÃO DA MONOGRAFIA

Comunicamos à coordenação de Monografia do curso de Pedagogia que a monografia da aluna: Karla Firmino da Silva matrícula 11023758 intitulada Professores da educação infantil frente a temática da sexualidade em sala de aula foi submetida à apreciação da comissão examinadora composta pelos seguintes professores: Dr.^a Margarida Sônia (Orientadora), Dr.^a Ana Coutinho (Examinadora) e Dr. Dimas Lucena (Examinador), no dia ___/___/___, às ___ horas, no período letivo 2016.2A monografia foi _____ pela comissão examinadora e obteve nota (_____)_ (_____).

Reformulações sugeridas: Sim () Não()

Comissão examinadora

Prof.^a Dr.^a Margarida Sônia
(Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Ana Coutinho
(Examinadora)

Prof.^a Dr. Dimas Lucena
(Examinador)

CIENTE: _____

Karla Firmino da Silva

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, ao professor Dimas Lucena que me ajudou na construção da minha monografia e contribuiu para a minha formação. Agradeço a professora Margarida Sônia, pelas suas orientações para as minhas pesquisas. Aos meus amigos e companheiros que estiveram comigo durante toda a minha vida acadêmica.

RESUMO Os estudos que abordam o tema sexualidade no espaço escolar alegam que a sexualidade é vital, por isso há uma grande necessidade de se obter a orientação sexual na escola, a fim de tornar mínimos os riscos de saúde e diminuir o grau de vulnerabilidade a que as crianças estão expostas. Contudo, do ponto de vista da Pedagogia, é preciso refletir sobre a postura do educador frente à relação aluno-sexualidade. O objetivo do estudo foi conhecer as visões de cinco educadores acerca da sexualidade no ambiente escolar, através de um questionário estruturado. Os dados obtidos foram analisados de forma descritiva, sendo apresentados em forma de tabelas. Discute-se sobre a preparação dos educadores para lidar com temas relacionados à sexualidade infantil, de forma apropriada ao seu estágio de desenvolvimento.

Palavras-chave: Educação Infantil. Perspectivas pedagógicas. Sexualidade.

ABSTRACT

Studies that address the topic sexuality in the school space claim that sexuality is vital, therefore there is a strong need to achieve sexual orientation at school in order to minimize health risks and reduce the degree of vulnerability to which children are exposed. Content, from the point of view of Pedagogy, it is necessary to reflect on the attitude of the educator towards the relationship between student and sexuality. The objective of the study was to know the views of five educators about sexuality in the school environment, through a structured questionnaire. The data were analyzed descriptively and presented in the form of tables. It discusses the preparation of educators to deal with issues related to child sexuality, appropriate to their stage of development.

Keywords: Child education. Pedagogical perspectives. Sexuality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
JUSTIFICATIVA	10
1 FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E TEÓRICOS SOBRE A SEXUALIDADE INFANTIL	12
1.1 Aspectos teóricos sobre sexualidade infantil	12
1.2 Infância e sexualidade.....	14
1.3 O professor e a educação sexual infantil.....	20
1.4 Relação escola, família e sexualidade.....	24
2 METODOLOGIA	26
2.1 Universo da pesquisa	26
2.2 Público alvo e instrumento	27
2.3 Coleta de dados	27
3 ANÁLISE DOS DADOS	30
3.1 Análise dos resultados	32
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	34

INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda o papel do professor em relação a sua visão e atuação sobre o tema concernente á sexualidade infantil. Isso é importante porque influencia para que as crianças tenham as informações adequadas sobre algo que faz parte de sua vida desde o nascimento até o fim. Sabe-se que há muitas dúvidas e curiosidade por parte dos infantes, por isso fazem perguntas como, por exemplo, sobre a origem dos bebês. Para (Freud 1908 pag. 22) essas hesitações e dúvidas tornam-se o protótipo de todo o trabalho intelectual posterior aplicado à solução de problemas. Esse primeiro fracasso pode ter um efeito prejudicial sobre todo o futuro da criança.

O educador deve estar preparado diante das perguntas das crianças e manter uma postura investigativa e de disponibilidade, buscando entender o que realmente a criança quer saber com aquilo que perguntou. A fim de que tenha mais elementos para satisfazer suas dúvidas, o docente deve procurar responder exatamente aquilo que foi perguntado de um modo que possa ser compreensivo para a criança, evitando respostas fantasiosas e evasivas.

Vale ressaltar que trabalhar com a sexualidade da criança tem que estar dentro dos fundamentos pedagógicos que devem ser contemplados no âmbito educacional, assim encaminhando para coisas que possam ser abordadas do ponto de vista educativo, apresentando, por exemplo, os livros paradidáticos que abordem o desenvolvimento sexual dos seres humanos, dos animais, das plantas.

Na educação, a sexualidade trata-se de uma temática extremamente associada aos preconceitos, por isso é pouco estudada. Para que o educador venha a trabalhar com este tema em sala de aula, é importante que amplie seus conhecimentos acerca do assunto, para que possa auxiliar os alunos que não possuem informações adequadas, respondendo e esclarecendo suas dúvidas, a fim de contribuir com uma melhora na qualidade de vida dos alunos.

Uma abordagem temática consciente e respeitosa resultará na formação de futuros adultos psicologicamente mais saudáveis, exercendo a sua sexualidade de forma segura e responsável. Além disso, pode prevenir questões como gravidez precoce e doenças sexualmente transmissíveis, que ocorrem, muitas vezes, por falta de informações.

Segundo Silveiras (2002), pesquisas atuais mostram que há evidências de que as crianças não entendem totalmente vários aspectos ligados à sexualidade a despeito de se envolverem em uma diversidade de conduta sexual. É esperado que a educação sexual esteja dentro de um enfoque sociocultural, ampliando a percepção do mundo dos alunos, de forma que eles possam obter um conhecimento básico sobre as origens de cada um, criando um desejo de saber mais.

O educador deve estar sempre atento às diversas questões, porque o assunto abrange muitos preconceitos, tabus e crenças. Segundo Maia *et al.* (2006), muitos educadores possuem dificuldades em orientar seus alunos, seja por razões pessoais, seja pela falta de informações específicas voltadas para a área da sexualidade e até mesmo por falta de orientação e de recursos metodológicos que os ajudem a compreender e realizar uma orientação adequada.

É primordial que se reconheça a importância do assunto e a necessidade de existir no âmbito escolar um espaço formal para debater a respeito da sexualidade, em que os alunos tivessem oportunidade de expor suas questões dentro das instituições de ensino e, assim, as próprias instituições deveriam favorecer uma formação continuada para que os professores possam ampliar seus conhecimentos sobre o assunto abordado. Na década de 1990, a preocupação dos educadores quanto à inserção de um programa de orientação sexual no currículo escolar se intensificou. Em 1996, um documento sobre a orientação sexual, incluso nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), foi lançado pelo Ministério da Educação. Propusera que esse fosse um tema transversal, visando ser um referencial fomentador da reflexão sobre os currículos escolares.

É necessário que haja espaço para que este tema seja questionado, discutido, apropriado e vivenciado de forma única por cada sujeito. Apesar de ser parte fundamental e integrante da vida de todos nós, os preconceitos e as dificuldades sobre o tema ainda são muito grandes, haja vista que são poucas as instituições de ensino que incluem em suas práticas pedagógicas um projeto de orientação sexual.

A educação acontece o tempo todo, seja em casa, seja pela mídia, revista, internet, entre outros. Assim, se a instituição escolar – responsável pela educação formal – se omite em relação ao que se refere ao tema da sexualidade, essa atitude se reflete na formação dos alunos, levando-os a considerar o sexo como algo secreto e vergonhoso. Muitos educadores não estão preparados ou não se sentem à vontade para tratar desse assunto. Sendo assim, seria

bom que estes vencessem essa barreira e propiciassem aos alunos informações necessárias a respeito da sexualidade, que é fundamental para o seu desenvolvimento.

JUSTIFICATIVA

Trabalhar a sexualidade na educação não é fácil por se tratar de um tema polêmico, mas necessário, porque é algo que está presente em todas as fases do desenvolvimento humano. Não podemos ignorar que cabe à escola adequar o tema ao currículo escolar e explicar, em reunião com os pais, a importância do assunto e os problemas a serem evitados no futuro, caso obtenham as informações necessárias.

Os pais precisam entender, primeiramente, o que é sexo; saber que não é apenas o ato sexual em si, pois é um impulso presente em todas as fases do desenvolvimento humano. Por isso o trabalho com a educação sexual na escola deve ser em parceria com a família. O intuito desse assunto, na verdade, é discutir a importância da educação sexual nas escolas e o papel do professor no seu ambiente de trabalho como docente e pesquisador acerca da sexualidade e apresentar uma visão científica e pedagógica sobre o assunto, visando oferecer subsídios para favorecer outro olhar por parte dos interessados.

É importante, no espaço escolar, falar sobre o que é público e o que é privado. A equipe docente tem responsabilidade de explicitar as regras da cultura em que os pequenos estão inseridos. É preciso ter atenção, sobretudo, à distinção do que cabe no espaço público e no privado. A masturbação, por exemplo, requer um espaço privado para ser realizada, assim como urinar e defecar. “O professor deve intervir ao ver um menino manipulando a genitália em local público, mas o foco não deve ser a ação em si”. A questão é o local apropriado.

A sexualidade da criança não é uma preocupação de agora, é preocupação escolar desde o início do século XX, quando esta questão tornou-se um problema público. Assim, a instituição pedagógica não ficou em silêncio total em relação ao assunto da sexualidade das crianças e foi motivo para debates e discussões.

A escola passou a ser um espaço de intervenção preventiva, devendo cuidar da sexualidade da criança para que elas venham a ter um desenvolvimento saudável. Na verdade, a ideia de incluir no currículo das escolas a educação sexual já está nas leis e nos PCNs, só não foi colocada em prática. O dever de educar sexualmente deveria partir das famílias, mas

como muitas não tiveram essa educação por terem vindo de uma geração conservadora, isso impede, no âmbito familiar, discussões e esclarecimento sobre o assunto.

Assim, as crianças levam para o ambiente escolar todas as suas expectativas e dúvidas sobre o assunto que se manifesta também através das suas ações. Por isso, cabe ao educador buscar informações e obter conhecimento sobre o assunto, para suprir a necessidade de seus alunos de algo que naturalmente está presente em suas vidas.

O desafio para o professor é enorme: ao mesmo tempo em que deve preservar a intimidade das crianças e não culpabilizá-las por manifestações de sexualidade, ele é responsável por um processo educativo que aborde valores, diferenças individuais e grupais, de costumes e de crenças. Isso é fundamental.

É esperado que a educação sexual nas instituições transmita a sexualidade a partir de um enfoque sociocultural, ampliando, deste modo, a percepção de mundo do aluno, ajudando-o a aprofundar e refletir sobre a forma como a sexualidade se apresenta em sua cultura. Ou seja, o aluno privilegiado com as informações recebidas poderá ter um entendimento melhor sobre o assunto, auxiliando-o na tomada de decisões e na reflexão sobre as questões relacionadas à sexualidade, podendo-se obter um comportamento mais adequado por parte dos estudantes.

Para a concretização do nosso estudo, traçamos como objetivo geral a seguinte questão: conhecer qual a visão dos professores sobre a dimensão do seu papel pedagógico em relação à sexualidade infantil na escola?

Deste questionamento, desdobramos os seguintes objetivos específicos:

- Estudar alguns aspectos sobre a história da sexualidade;
- Compreender teoricamente o papel pedagógico do professor em relação à educação infantil;
- Pesquisar qual a compreensão dos professores sobre o seu papel em relação a uma pedagogia da sexualidade.

1 FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E TEÓRICOS SOBRE A SEXUALIDADE INFANTIL

1.1 Aspectos teóricos sobre sexualidade infantil

A sexualidade é de grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica do ser humano, pois está relacionada com a busca do prazer, necessidade fundamental da humanidade. É algo inerente, que se manifesta desde o nascimento do indivíduo até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento. É, pois, um tema amplo, visto que está ligado aos nossos sentimentos mais profundos.

(Freud, através da mitologia e da arqueologia, foi buscando vestígios no passado da história da humanidade. Ele mostra que a sexualidade humana não se liga apenas à genitalidade e que se organiza a partir de operações psíquicas. (FREUD *apud* GUIA DE ORIENTAÇÃO, 1994, p.14). A sexualidade pode ser vista como “a base da curiosidade, a força que nos permite elaborar e ter ideias, bem como o desejo de ser amado e valorizado à medida que aprendemos a amar e a valorizar o outro” (BRITZMAN, 1998, p.162). A sexualidade manifesta-se através de atitudes, comportamentos, gestos, ultrapassa, portanto, a dimensão biológica, pois envolve emoção, afeto e o imaginário. É algo que se expressa através do corpo na singularidade única de cada indivíduo, ela mostra sua dimensão quando encarada como direito individual.

No século XVIII, quando a criança apresentava algum índice sobre a sexualidade como, por exemplo, a masturbação, era encarada como anormal. Tema tão polêmico no mundo contemporâneo, a sexualidade era encarada como patologia, no momento em que a infância passou a ser problematizada e a criança considerada como a "semente do amanhã", necessitando ser cuidada, vigiada, controlada. No final do século XIX, pensava-se que a criança não tinha sexualidade, porém, ao iniciar o século XX Freud publicou, em 1905, os três ensaios sobre a teoria da sexualidade, publicação esta que causou escândalo, na medida em que Freud esclarecia a existência da sexualidade da criança, retirando a sexualidade infantil do campo da patologia e dando-lhe caráter de normalidade.

Algumas áreas de conhecimentos, hoje, ocupam-se da sexualidade, tais como a biologia, psicologia e a ciência, buscando formular concepções e imagens que circularam na nossa sociedade. O poder do adulto, porém, continua sendo inscrito no corpo das crianças,

mudando apenas as suas formas e os mecanismos por eles acionados. O estudo de Michel Foucault, filósofo francês, direciona-se para a crítica da sociedade oficial contemporânea e no primeiro volume de sua obra, *História da sexualidade: a vontade de saber*, o autor diz que falar sobre sexo é uma forma de controle do comportamento dos sujeitos: crianças, adolescentes, homens, mulheres. Essa foi a forma que o mundo contemporâneo encontrou de normatizar a sexualidade.

O sujeito nasce com um organismo individual herdado e um corpo que se constrói. Isso ocorre naturalmente, visto que não é possível construir primeiro um corpo e depois um corpo sexuado. Essa construção se origina de forma biológica e também social. A parte biológica diferencia homens e mulheres: para os homens, o papel de fecundar; para as mulheres, o de menstruar, gestar e amamentar. No ano de 1960, a igreja católica manteve uma grande e rigorosa repressão à educação sexual. Nesse período surge um movimento chamado de revolução sexual; em seguida surgem, no Brasil, as primeiras abordagens de uma possível orientação sexual na escola, e os materiais didáticos a serem utilizados possuíam características religiosas de caráter conservador de acordo com a época.

A sexualidade proposta por Freud é ampliada e radicalmente diferente da concepção naturalista predominante no final do século XIX, quando a normalidade sexual era definida pela sexualidade adulta e a consumação do ato sexual referida a fins de reprodução. A masturbação infantil, a simples busca do prazer sexual, ou ainda a impossibilidade do ato sexual (como em alguns casos de impotência) eram considerados condutas anormais, perversas ou sinais de degenerescência. Sobre tal pano de fundo, Freud (1905/1976a) propõe a ideia de uma sexualidade que surgiria desde os primórdios da constituição do psiquismo e seria radicalmente diferente da então aceita noção de instinto sexual.

O poder disciplinar presente na sociedade contemporânea produz corpos dóceis e eficientes mediante os mecanismos que conformam o espírito: regularidade, autoridade, limite, penalidade, culpa e recompensa.

1.2 Infância e sexualidade

(A criança e a sexualidade são instituições sociais ligadas às práticas relacionais e aos modos de educação, que caminham e convivem juntos sob influências do meio cultural. A criança é o sujeito das infâncias, que se apresenta em realidades atravessadas por desiguais oportunidades de desenvolvimento, afirma Sarmiento 2009, p. 16).

Os pequenos estão presentes em todo o mundo e, por isso, sujeitos a diversos aspectos sociais, culturais e políticos que interferem na sua formação. Dessa forma, não podem ser categorizados porque não vivem infâncias iguais. Aceitar a criança como um ser assexuado, ou seja, que apresenta esta sexualidade das mais diversas formas é um grande passo para uma educação sexual saudável e consciente. A descoberta do corpo é uma importante fonte de prazer e costuma vir acompanhada de perguntas sobre a sexualidade, como por exemplo: o nenê sai da barriga pela perereca?

Um dos pioneiros sobre o assunto foi o neurologista Sigmund Freud (1856- 1939), criador da psicanálise, que chocou a sociedade da sua geração ao falar da sexualidade infantil rompendo com a imagem da criança inocente. Ele mapeou o desenvolvimento em diferentes fases. A primeira delas é a fase oral que se estende até os dois anos, período em que o pequeno concentra na boca a maior parte da sensação de prazer: mamar no seio ou na mamadeira, chupar chupeta etc. Bebês que são acariciados, aconchegados e que sugam o seio materno vivenciam naturalmente o erotismo e terão maior capacidade de ter intimidade física quando adultos (SUPLICY, 1990).

Em seguida, passa-se à fase anal, em torno dos três a quatro anos, quando a criança ganha controle sobre os esfíncteres e passa pelo processo de largar as fraudas; em seguida, a fase fálica acontece dos 3 aos 6 anos. A atenção da criança é voltada para os órgãos genitais. É nesta fase que os pequenos começam a descobrir as diferenças entre os sexos. O menino descobre o pênis e suas funções e quer saber por que a menina não tem. A menina pensa que o pênis lhe foi cortado. Assim, as curiosidades sexuais surgem. Depois os pequenos descobrem o prazer genital e investem nessa exploração do próprio órgão sexual. Nesta fase, é vivido o que Freud denominou de Complexo de Édipo – conceito central da teoria psicanalítica freudiana, que é utilizada como instrumento para compreensão das fases psicosexuais.

Depois dele, instaura-se um período de latência, em que as questões da sexualidade ficam secundárias nas inquietações infantis (até a puberdade). Essas fases são sucessivas e progressivas e se organizam no inconsciente do sujeito. Em cada uma delas, a organização libidinal se apoiaria numa zona erógena corporal. A libido é para psicanálise Freudiana a energia que orienta a busca prazerosa e o estabelecimento de ligações afetivas e vínculos durante toda vida (GUIMARÃES, 2002). Como coloca Freud (1994, p.22), quando fala sobre o desenvolvimento sexual:

é algo inerente que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento. É também durante a Educação Infantil que os pequenos começam a colocar questões sobre a origem dos bebês. Os caminhos para resolver esse "mistério" costumam se perguntar a um adulto ou elaborar teorias próprias com as informações que coletam das mais variadas fontes - conversas, filmes e livros entre outros. (Foucault 1977)

“É importante responder exatamente o que a criança está perguntando, sem antecipar dúvidas”, diz Marcos Ribeiro (1987), sexólogo e coordenador geral da ONG Centro de Educação Sexual, no Rio de Janeiro. Além de explicações sobre anatomia e concepção, os pequenos vão aos poucos construindo ideias sobre cada gênero. Por volta dos 2 anos, as crianças percebem se são do sexo feminino ou masculino e, no contato com os adultos ao seu redor e pela mídia, aprendem o que é ser menino ou menina em sua sociedade e, claro, tem contato com os rótulos associados aos gêneros. Na vivência, já utilizam a sua identidade para recusarem ou aceitarem alguma atividade; Começam e continuam a se comportarem conforme o que é socialmente esperado.

Dos 3 aos 5 anos começam a adaptar-se à moral sexual dos adultos e a tentar controlar o seu comportamento de acordo com as normas dos adultos para os papéis de gêneros. Isso se dá, por exemplo, pelos jogos sexuais: brincadeiras “de médico”, em que trocam experiências com outras crianças, através da imitação do comportamento dos adultos (namoros, roupas etc.).

A sexualidade, quando relacionada à infância, ainda hoje, é pouco falada e explicada e, por isso, permanece como uma terra incógnita (CONSTANTINE; MARTINSON, 1984) para os adultos que têm a experiência como uma temática assustadora e, muitas vezes, proibida. No entanto, é uma dimensão humana a serviço da vida porque traz ganhos vinculados às bases fundamentais da felicidade como o exercício do prazer e do amor.

Segundo Foucault (1977), nos últimos séculos, ao contrário de uma sistemática repressão sexual, o que ocorreu foi uma produção massiva sobre o sexo. Uma proliferação de discursos de diferentes áreas (medicina, pedagogia, psiquiatria, etc.).

No nosso meio, as crianças se vestem como adultos, a delimitação entre o mundo adulto e o infantil é tênue e as crianças, muitas vezes, na expectativa de corresponder aos desejos dos pais, ainda que inconscientes, procuram correspondê-los, negando sua própria infância. Em 1914, Freud alerta: procuramos resgatar, através dos nossos filhos a nossa infância, nossos sonhos e ideias. Se é fundamental este investimento dos pais em seu filho para que este cresça e se desenvolva, por outro, um amor parental que desconsidere a singularidade da criança e sua visão de mundo pode ter como resultado “pequenos adultos”, precoces, mas desconfortáveis em um papel que ultrapassa sua possibilidade emocional. Não desconsiderando os avanços do século XXI que oferece à criança um banquete de informação, acesso ao mundo e muitas formas criativas de relacionamento; no entanto, não corremos o risco de apagar a infância, ao valorizarmos atribuição reconhecida no mundo adulto.

Sobre tal pano de fundo, Freud (1905/1976a) propõe a ideia de uma sexualidade que surgiria desde os primórdios da constituição do psiquismo e seria radicalmente diferente da então aceita noção de instinto sexual. A concepção clássica de instinto tem como modelo um comportamento que se caracteriza por sua finalidade fixa e pré-formada, com um objeto e objetivo determinados, enquanto a noção freudiana de sexualidade defende a ideia de que a sexualidade humana não é instintiva, pois o homem busca o prazer e a satisfação através de diversas modalidades, baseadas em sua história individual e ultrapassando as necessidades fisiológicas fundamentais.

Assim, se a sexualidade se inicia com a anatomia (no nascimento), sua conquista depende de um longo percurso durante a construção da subjetividade da criança. Ao indicar os diversos tipos de manifestação da sexualidade, Freud fala da moral repressora de sua época que só aceitava uma sexualidade baseada no instinto, o qual surgiria a partir da puberdade e teria como finalidade a reprodução.

O autor toma como exemplo a amamentação do recém-nascido, sugerindo que a nutrição, a necessidade biológica de ser alimentado, não parece ser o único objetivo do bebê ao mamar. Ao contrário, observa Freud (1905/1976a) em *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade*: (pagina 5) “quando vemos um bebê saciado deixar o seio e cair para trás

adormecido, com um sorriso de satisfação nas faces rosadas, não podemos deixar de dizer que esta imagem é o protótipo da expressão da satisfação sexual na existência posterior”.

Poderíamos acrescentar que o bebê procura se nutrir não só do leite materno (necessidade orgânica), mas de uma relação afetiva que não se reduz à satisfação alimentar, apesar de se apoiar nela. Freud vai utilizar o termo apoio para demonstrar que se a sexualidade se apoia em uma função de conservação da vida, vai se destacar dela ao buscar uma satisfação que excede esta função instintiva.

Como indica Garcia-Roza (1988), o objeto do instinto é o alimento, enquanto o objeto da libido é o seio materno – um objeto que é externo ao corpo. Para Freud (1905), quando este objeto é abandonado e o bebê começa a fantasiar o seio, sugando seu próprio polegar, tem início o autoerotismo e podemos falar de uma sexualidade que se desvia do instinto.

A mãe (ou quem exerce esta função), ao mesmo tempo em que cuida de seu filho, erotiza seu corpo. Este corpo é erotizado justamente por não ser apenas um pedaço de carne para os pais, mas um corpo simbólico, investido de afeto e de palavras que vão marcar o bebê e lhe dar um lugar fundamental na estrutura familiar. Por este motivo, os bebês e as crianças pequenas em sofrimento demonstram seu mal-estar com sintomas físicos, através de um sintoma no corpo - de um corpo que fala, antes do advento da linguagem verbal. Na primeira infância, o olhar e a voz são elementos que não se esquecem. O olhar, por ter esta dimensão de unificar o corpo do bebê, humanizando-o; a voz, por ser um referencial simbólico.

Freud, em toda a sua obra, deu grande importância à sexualidade infantil justamente por reconhecer seu valor estruturante: as teorias sexuais infantis permitem à criança interpretar o enigma de sua existência, construindo, através de sua fantasia, um lugar subjetivo que lhe permite descolar-se da posição de alienação original no discurso parental. A contribuição dos estudos de Freud foi decisiva para que hoje possamos reconhecer a existência da sexualidade infantil. Até então, não era admitido que existisse na criança o que ele chamou de impulso sexual. (FREUND *apud* NUNES & SILVA, 2000).

A educação sexual acontece de forma contínua, pois estamos sempre sendo educados sexualmente, seja em casa, pelos pais ou parentes próximos, seja por meio da mídia, através de programas de televisão, internet, músicas etc. Sempre recebendo informações, ideias sobre o assunto e a opinião, muitas vezes, preconceituosa das pessoas a respeito da sexualidade. Mesmo vivendo em uma sociedade que reprime quem fala sobre sexo – que para a sociedade

trata-se de um assunto que não se fala abertamente —, estamos sempre de alguma forma sendo educados sexualmente.

A curiosidade sexual na criança é especial, pois parte de seu instinto investigativo geral, de seu desejo primitivo e fundamental de conhecer o mundo, impulso esse que é a origem da curiosidade científica que tanto nos envaidece. (Segundo Orth (1971, p.28), por isso é de grande importância suprir a curiosidade da criança, respeitando sua fase de entendimento e as diversas e inúmeras dúvidas que ela apresenta. Respondendo sempre aquilo que foi perguntado nem mais, nem menos, sempre de forma objetiva e sincera. (NUNES & SILVA, 2000). Freud acredita que devemos responder as questões infantis, pois não há porque negar à criança informações através das quais ela poderá dominar intelectualmente o que já conhece no plano da vivência (*apud* KUPFER, 2001). Além disso, a curiosidade não satisfeita gera ansiedade de saber e pode desencadear um comportamento que expressa uma ansiedade difusa, podendo evoluir para algum distúrbio na personalidade (NUNES & SILVA, 2000).

As curiosidades das crianças sobre sexualidade são assuntos extremamente significativos, que podem obter um conhecimento básico sobre as origens de cada um, criando um desejo de saber mais e, assim, aparecem as suas dúvidas. Respostas para tais curiosidades colaboram para o esclarecimento, incentivando de forma positiva o desenvolvimento da criança ao longo da vida.

Neste sentido, mesmo sendo influenciada por um excesso de informações, a criança desafia a razão lógica, ao construir sua própria verdade em seu próprio tempo lógico.

A sexualidade infantil confronta o adulto com sua própria infância perdida, colocando-o diante de um impasse: reconhecê-la, podendo acompanhar a crianças em seu percurso subjetivo, ou negá-la, para não se deparar com suas frustrações, conflitos e desejos infantis (DOLTO, F. 1992).

As experiências vivenciadas pela criança em cada momento podem ser adquiridas no que Freud chama de pré-genitais, ou seja, característico de algo que ainda não é genital e o que se conhece também como desenvolvimento libidinal infantil. O que a teoria freudiana constata é que as respostas obtidas pela criança sobre suas questões resultam em falhas, desencadeando o que Freud (1908, p. 217) denominou de “a primeira decepção da criança”; ela começa a desconfiar dos adultos e a suspeitar que eles lhes escondem algo proibido,

passando a manter em segredo suas investigações posteriores” e alçando sua primeira tentativa de autonomia intelectual, por meio da criação de teorias sexuais infantis.

Nas crianças, tanto do sexo masculino quanto do feminino, na atividade sexual, a prática que elimina o estímulo e provoca a satisfação consisti no toque por fricção manual ou no ato de pressão exercida com as mãos ou unindo a coxa. É um método mais frequente nas meninas. Nos meninos, a preferência pelas mãos já indica a contribuição que a pulsão que domina destina-se a atividade sexual masculina. A fase da prática sexual infantil acaba deixando profundas marcas no inconsciente, na memória das pessoas e influencia na formação do caráter do indivíduo. Isso acontece quando, por exemplo, o indivíduo chega a adoecer depois da puberdade, e assim venha a ter uma possível crise neurótica.

Com o tempo esse período termina sendo esquecido e as lembranças são deslocadas, acarretando uma amnésia infantil, normal. Diante da investigação da psicanálise, é possível tornar consciente o esquecido e, desse modo, eliminar uma pulsão que provém do material psíquico inconsciente. A excitação sexual do período de lactancia retorna nos anos infantis, como um estímulo condicionado que exorta a uma satisfação masturbatória, como processo de natureza. Este caso acontece mais frequentemente nas meninas e na segunda metade da infância. Os sintomas dessas manifestações sexuais são escassos; o que dá sinal do aparelho sexual ainda não desenvolvido é, na maioria das vezes, o aparelho urinário, que funciona, por assim dizer, como tutor dele. A maioria dos chamados distúrbios vesicais dessa época são perturbações sexuais.

Sabat (2008, p. 96) diz que, nos filmes infantis, “é possível observar, por exemplo, a repetição permanente de comportamentos considerados adequados aos diferentes gêneros”. A autora destaca que existe um processo permanente de construção das identidades vinculadas a “mecanismos de conduta socialmente adequados” e que a identidade não é formatada de uma só vez, sendo necessário um processo de repetição contínua, que vai ensinando a ser menino e menina (SABAT, 2008, p.98-99).

As crianças querem saber, discutir, trocar ideias e compreender o que viram nos filmes. Estão abertas a conversar, porque vivem a fase dos “porquês?” Estão descobrindo o mundo, descobrindo-se como homens ou mulheres, descobrindo-se masculinos ou femininos. Elas querem saber sobre as diferenças existentes entre si e os papéis que desempenham.

A criança vive sua sexualidade desde que nasce; possui, desde o princípio, o instinto e as atividades sexuais. Primeiro, através da amamentação (primeiro contato sexual com a mãe). Depois, ao sentir-se no mundo exterior ao útero materno, o corpo é seu universo sexual, assim a noção de corpo é essencial para a noção de sexualidade.

Este corpo infantil, na inter-relação de laços estreitos e afetuosos de intimidades, passa a ser um palco de manifestações de sensual intimidade decorrentes de abraços, carinhos e afagos trocados pelos pequenos com seus pares, familiares. Desde o nascimento, o corpo do bebê possui inúmeros pontos anatômicos, geradores e produtores de sensações e de excitação sexual. Os pequenos sentem prazeres e desprazeres corporais e os expressam por emoções oriundas dos afetos e das carícias provocados pelo outro, evidenciando uma sexualidade infante sentida, vivida e simbolizada de maneira singular.

A sexualidade da criança, no seu contexto infantil, revela-se na experiência de prazeres com registros profundos de sensações que a memória do corpo não esquece, afirma Caridade (1997, p. 121). Essas memórias lembram algo bom, no modo como as crianças viveram sua sexualidade ao longo da vida. A sexualidade é uma dimensão humana que acompanha as pessoas ao longo de toda a vida, num conjunto de tudo que ouvimos, vemos, sentimos e recebemos da família, escola, comunidade e cultura na qual estamos inseridos.

1.3 O professor e a educação sexual infantil

Pensar sobre a sexualidade infantil é ainda um assunto polêmico no espaço escolar e um grande desafio para o professor. Ao mesmo tempo em que deve preservar a intimidade das crianças e não culpabilizá-las por manifestações de sexualidade, o docente é responsável por um processo educativo que aborde valores, diferenças individuais e grupais, de costumes e de crenças. Por esse motivo, para trabalhar a educação sexual nas escolas, é importante que toda a equipe pedagógica esteja envolvida e que o Projeto Político Pedagógico (PPP) esteja bem formulado e embasado em uma proposta inovadora e dialógica de educação. Sabe-se que a educação sexual está prevista nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Cabe, pois, à escola se adequar ao currículo e compartilhar com os pais a importância, o método de ensino e os objetivos a serem construídos no contexto escolar.

O trabalho com a educação sexual deve ser uma parceria com a família, responsável legal pelas crianças, instituição que deve estar informada de todo o processo educativo. Precisam entender que a sexualidade é um impulso presente em todos os estágios do desenvolvimento humano.

O professor, para ser um bom orientador, precisa trabalhar interiormente as questões sexuais, livrando-se dos preconceitos, superando os tabus e informando-se sempre, para que venha a ser um bom educador e formador de valores.

As perguntas sobre as questões sexuais se tornam mais complicadas e devem ser respondidas com tranquilidade e com clareza. É importante que o professor desenvolva em sala de aula atividades que tenham noções das diferenças sexuais como, por exemplo, processo de concepção e desenvolvimento dos bebês e ideias. Evitar atividades que incentivem os preconceitos entre os sexos ou a competição entre eles. A criança precisa entender as diferenças sexuais, mas desenvolvendo noções sadias e sem preconceitos sobre os papéis sexuais, reforçando sempre a igualdade de direitos.

Na escola, na sala de aula, os alunos são submetidos às técnicas disciplinares, visando que eles tirem o máximo proveito das atividades escolares e das relações grupais. O disciplinamento atua diretamente na constituição do sujeito idealizado pela sociedade atual, bem como na transformação deste sujeito em algo pré-formatado, definido pela sociedade como “modelo necessário e indispensável” (FOUCAULT, 2003). O educador é um sujeito social de grande importância no espaço escolar. A escola sendo um espaço educativo desempenha um papel na formação das crianças. Refletir sobre gênero, corpo e sexualidade numa época de transição de valores como a atual, é bastante complexo. Pode-se encontrar na escola ou na família pessoas com argumentações totalmente diferentes sobre assuntos ligados à manifestação da sexualidade. Portanto, abordar o tema emergente da sexualidade constitui grande desafio aos educadores.

Gênero e sexualidade, assim como o corpo, parecem simplesmente terem sido colocados na escola, inscritos em determinada anatomia ou em uma interioridade psicológica inata, com uma identidade trazida da herança. As “marcas ou inclinações”, tidas como inatas e naturais, são “marcas construídas ou formatadas” pelo meio. Vale ressaltar que a educação sexual está assegurada nos PCNs, documento no qual está inserido que trabalhar com a sexualidade não só envolve a questão biológica, mas também as áreas psicológica, social e cultural.

A sexualidade se desenvolve através das relações interpessoais, na escuta de histórias infantis, nas atividades realizadas entre elas, por seu envolvimento em jogos e brincadeiras. Entre jogos e brincadeiras, surgem questões sobre a sexualidade. Essas atividades buscam estimular diferentes vivências.

O espaço escolar requer um clima favorável para o desenvolvimento das atividades; ajuda a criança a descontrair e a sentir-se à vontade para fazer seus comentários e perguntar o que quer saber. A dinâmica deste trabalho exige do professor buscar recursos, como filmes, livros de histórias, os quais são formas de se trabalhar em grupo. É importante que as atividades sejam sobre corpo, gênero e sexualidade na educação infantil. É fundamental que a abordagem do assunto seja feita de forma prazerosa e que venha a desenvolver projetos no espaço escolar. A criança, nas práticas escolares, encontra-se envolta em redes de vigilância, controle e repressão (LOURO, 1999)

O professor precisa passar atividades que contribuam para o aprendizado do aluno sobre o assunto e que desenvolvam habilidades em seu aprendizado, como refletir sobre sua própria sexualidade, sobre seus valores, sonhos e desejos; ter clareza dos papéis femininos e masculinos, assim como se é exigido dentro da sociedade, abrir espaços para análise, de forma que as crianças possam fazer suas críticas e destacar possibilidades. Sendo assim, as crianças ficarão mais preparadas para enfrentar os problemas relacionados a gênero, corpo, sexo e sexualidade desvelados em cada estágio de vida.

Durante muito tempo, a educação sexual foi ignorada nas escolas. Até porque as crianças eram vistas não como crianças, mas sim como seres assexuados, e o método de ensino era não tocar no assunto e deixar que a natureza se encarregasse de ensiná-las. Como a sexualidade era algo proibido e reprimido, melhor seria não falar sobre o assunto para não despertá-la. Para Aquino (1997), a escola tem seu corpo de regras, quase nunca explícitas e compartilhadas por todos os seus representantes, a respeito dos comportamentos dos alunos que expressam a sexualidade. Mesmo que diversas escolas ignorem esse tema, está nos PCNs que a educação sexual é obrigatória nas escolas, embora muitas desconheçam o tema e/ou não o trabalhe. Segundo Sampaio (2005), as escolas por ele pesquisadas que tiveram bons resultados com a implementação da orientação sexual revelam resultados positivos como, por exemplo, o aumento do rendimento escolar, devido ao alívio de tensão e preocupação com questões da sexualidade e aumento da solidariedade e respeito entre alunos. Vale ressaltar que

cada professor age de acordo com suas experiências pessoais e disponibilidades adquiridas em cursos palestras ou leituras.

Para ocorrer uma transformação nas atitudes das crianças em relação à sexualidade, é preciso levar em consideração o modo como a educação sexual é abordada, tanto com os familiares quanto com a escola. Os pais precisam tratar os assuntos mais individuais e profundos; já a escola deve trabalhar de maneira geral e superficial, tratando assuntos de cunho social e convívio entre ambos os sexos. Por esse motivo, é de grande importância que pais e professores trabalhem em conjunto, de modo a orientar as crianças e dar auxílio em tais questões. Segundo Suplicy (1983), muitos pais acreditam que a educação sexual tem o sentido exclusivamente de se sentar e assistir a aulas de anatomia ou realizar discussões que abordam sobre os perigos da sexualidade. Este conceito dos pais sobre a educação sexual é distorcido, pois a educação sexual acontece desde o nascimento da criança, período em que ela vai absorvendo informações de seu meio. Pode-se dizer que a maioria dos conhecimentos passados pelos pais são indiretos, ou seja, eles não têm conhecimento de que o fazem, e assim o sujeito constrói a sua percepção sobre a sexualidade (SUPLICY, 1983).

Para Ribeiro (2009), só informar não basta, é preciso apresentar atitudes positivas em relação ao sexo, para que as crianças possam perceber a sexualidade como algo positivo. É notório que a curiosidade das crianças sobre a sexualidade é de questões básicas, como por exemplo, “de onde surgem os bebês?”. Respostas para tais curiosidades colaboram para o esclarecimento, incentivando de forma positiva o desenvolvimento da criança ao longo da vida. A instituição, portanto, deve oferecer um espaço que tenha a finalidade de esclarecer dúvidas, contribuindo para o alívio das ansiedades que muitas vezes interferem na aprendizagem dos conteúdos escolares transmitidos (BRASIL, 2000). Vale ressaltar que o educador deve estar sempre atento às diversas questões sobre a sexualidade, até porque abrange preconceitos, tabus, crenças, etc. No entanto, é importante que no ambiente escolar, os questionamentos possam ser expressos por meio do diálogo, da reflexão e da possibilidade de reconstruir informações.

Para a sociedade, a concepção da palavra sexualidade se associa à capacidade de reprodução do ser humano. Essa concepção sobre o assunto vem de suas gerações, por isso a educação sexual deve propiciar uma reflexão voltada para as múltiplas formas de manifestações da sexualidade humana.

A postura acadêmica do educador é de grande importância para trabalhar com os alunos em sua totalidade, com suas afetividades, percepções, expressões, suas críticas e criatividades em relação ao assunto abordado.

1.4 Relação escola, família e sexualidade

Os pais são os principais educadores dos filhos; eles já estão dando um roteiro para a criança de como ser homem ou como ser mulher no mundo. Isso é educação sexual. Quando essa criança cresce, vão surgindo as perguntas e a família precisa estar preparada de uma forma aberta, pois isso faz parte do desenvolvimento. É importante que a educação sexual seja uma ação conjunta entre família e escola. Estamos formando essas crianças para serem adultos melhores, cada vez mais confortáveis com seu corpo, sua saúde e a sua sexualidade.

A educação sexual fala de amor, de prazer, afeto, relacionamento. É importante para que a gente viva de uma forma mais saudável, prazerosa, tanto física quanto emocionalmente. É preciso se prevenir das doenças sexualmente transmissíveis e da gravidez fora de hora. A educação sexual é o caminho para isso. No entendimento de que a família é a instituição mais importante na educação das crianças, procuraremos compreender de que forma a mesma influencia, visto que em seu seio, a educação que se processa se baseia em conceitos aprendidos entre as gerações e de pai/mãe para filho, ao falar sobre a educação sexual. A escola como instituição de ensino formal possui diretrizes próprias, corpo docente definido para as áreas do conhecimento e ainda possui todos os fundamentos legais e científicos para fazer uma discussão mais eficaz no que diz respeito à sexualidade, mas que muitas vezes não faz por causa das crenças, morais e costumes estabelecidos histórica e culturalmente em nosso meio, contribuindo para a segregação, o preconceito e a discriminação de tantos sujeitos que não se enquadram em normas e condutas sociais.

Para os educadores, não é novidade os comentários acerca da educação da criança, da participação da família assim como de outras instituições na sua formação. O ser humano é ensinado a conviver com o meio, com outras pessoas e com seus entes. As primeiras ações aprendidas pelas crianças são coordenadas pelos familiares ou pessoas mais próximas como mães, pais, babás, avós, avôs, tios, tias, etc. A responsabilidade da família em educar é muito grande, por isso a mesma não dá conta de formar para todos os desafios humanos, cabendo tal

responsabilidade a outras instituições como a escola, que no trabalho diário que desempenha, acrescenta à educação já iniciada pela família, outros conteúdos, conceitos e conhecimentos a fim de humanizar e formar para cidadania. Ou pelo menos deveria ser desta forma, segundo os discursos que divulgam a educação atual.

Ao interpretar a família, na descrição apresentada por Sarti (2006), compreendemos que a formação que se recebe nessa instituição é rodeada do discurso patriarcal tradicional, que delimita as dimensões sociais dos papéis que homens e mulheres devem ter, um círculo vicioso que tem suas afirmações baseadas nos papéis de gerações passadas, para as quais a genética, inclusive, é uma forte aliada para determinar as relações de convivência e afetivas.

Segundo Izymanski (2010), ao nascer, a criança já encontra um mundo organizado pela família, nele ela aprende a se constituir como sujeito, por meio das ações e trocas intersubjetivas que são o primeiro referencial para a construção da sua identidade. Isso significa que aos moldes hierarquizados nas relações familiares, desde cedo, somos ensinados a nos comportar, a aceitar nossos papéis e a fazer julgamentos sobre o que podemos ou não, ou sobre o que é certo ou errado.

É necessário levar em consideração que as primeiras experiências afetivas de uma criança se dão com a família e essa relação se estende aos amigos e outros familiares. Portanto, a capacidade que a família possui de aproximar e acolher a criança e por ela ser a transmissora de valores dá base para o desenvolvimento sexual da criança e constrói vínculos que facilitarão a sua convivência na sociedade. No entanto, diante dos traumas e conflitos existentes na família, torna-se essencial sua integração com a escola, pois o espaço escolar assume uma função importante na educação sexual, ela tem a função de orientar as crianças no mundo em que estão inseridas.

Diante da presente pesquisa, apesar das educadoras possuírem formação superior, foi possível identificar, através das observações e entrevistas feitas, que não há uma preparação específica em relação à educação sexual, de acordo com Ribeiro (2009, p.21) “só informar não basta! É fundamental ter uma atitude positiva em relação ao sexo, em que as crianças, desde pequenas, percebam a sexualidade como algo bonito e prazeroso”. É importante ressaltar que a educação sexual não tem apenas caráter informativo, mas, sobretudo, um efeito de intervenção no interior do espaço escolar, não sendo uma tarefa fácil para educadores, por haver certo complexo em lidar com o assunto. É necessário que a escola como instituição educacional esteja bem preparada para lidar com esse tema, posicionando-se de forma clara e

consciente sobre as referências e limites com os quais deve trabalhar as expressões da sexualidade da criança. De acordo com Suplicy (1997) “é função da escola contribuir para uma visão positiva da sexualidade, como fonte de prazer e realização do ser humano, assim como aumentar a consciência das responsabilidades”. A educação sexual ainda passa por avanços e retrocessos essenciais para a sua implementação na sociedade, em decorrência de ainda existir uma falta de parceria entre a escola e a família. Um ponto a ser considerado diz respeito ao despreparo do professor ao se discutir a sexualidade na sala de aula, devido à falta de capacitação.

Embora a educação sexual seja obrigatória nos currículos desde o ano de 2010, ainda é necessário que, antes de sua implementação, docentes já estejam com esse assunto embutido em seu processo didático, para que possa ser aceita sem preconceitos e receios, e possam não somente orientar o corpo discente, mas também os familiares.

2 METODOLOGIA

2.1 Universo da pesquisa

A pesquisa foi realizada na escola Estadual José Batista de Melo, que fica no bairro de Mangabeira VII, onde conversamos com a diretora da escola, apresentamos um documento de identificação, assinado pelo laboratório de estágio da UFPB. A escola foi criada em março de 1984. Mesmo localizada em Mangabeira, atualmente, abrange também alunos de outros bairros como Cidade Verde, Geisel, Valentina, Cristo, entre outros. A escola tem em média 40 alunos por turma, matriculados, mas segundo as professoras, a grande maioria não frequenta a escola. A instituição funciona durante os três turnos (manhã, tarde e noite) e possui ensino infantil, fundamental e médio. A coleta de dados foi realizada no horário da tarde, às 15 horas. A escolha deste horário se deu porque era o horário de intervalo das professoras. O objetivo da pesquisa é conhecer o trabalho de orientação sexual realizado no Colégio José Batista de Melo. O corpo docente desta unidade de ensino é formado por professores especializados nas mais variadas áreas educacionais.

2.2 Público alvo e instrumento

O estágio foi realizado na Educação Infantil. Conversamos com as professoras do primeiro, segundo, terceiro, quarto anos e a professora de educação especial. A partir de observações feitas na escola de educação infantil, analisamos as falas e atitudes dos professores em relação à explicação, orientação e diálogo aberto sobre a temática da sexualidade perante as crianças. Para esta pesquisa, os professores consultados foram cinco. Utilizamos como instrumento de coleta de dados da pesquisa um questionário contendo 10 perguntas. A aplicação dos questionários de pesquisa foi realizada entre 20 e 24 de novembro de 2016.

Nossa pesquisa é voltada para os interessados na temática da educação sexual voltada para a infância, mas, principalmente, para os pedagogos que desejem uma introdução no assunto abordado, a fim de unir conhecimentos para futuras abordagens da temática tão necessária em sala de aula.

2.3 Coleta de dados

Situação envolvendo sexualidade	Formas de abordagens sobre a sexualidade	Papel do professor quanto à educação sexual	Formação e tema sobre a educação sexual.
A professora do segundo ano fala que tinha um aluno em sala, o qual fazia gestos obscenos, e que teve que chamar os pais para conversar e perguntar o que estava acontecendo e se alguém fazia este gesto em casa, porque isso era frequente em sala de aula.	O trabalho de educação sexual é integrado às atividades diárias: situações como histórias, na abordagem dos conteúdos no cotidiano da sala de aula, nos jogos e brincadeiras ou nas diversas situações que se apresentam e podem ser aproveitadas.	A experiência nos mostrou que a atuação como educador não é tão simples como possa parecer e não basta ter recebido um “treinamento” prévio e, nem mesmo, para alguns, atuar num grupo deveria contar com supervisão.	O objetivo do trabalho de Educação Sexual com Crianças é contribuir para que possam exercer, mais tarde, sua sexualidade com prazer e responsabilidade. E esse trabalho vincula-se ao exercício da cidadania que, de um lado, propõe-se a trabalhar o respeito a si próprio vinculado ao respeito ao outro e, por

			outro lado, garantir a todos o conhecimento que será fundamental para a formação de cidadãos responsáveis e conscientes de suas capacidades.
A professora falou que teve uma aluna que se masturbava na sala, e quando isso acontecia, a criança chamava seus colegas de trabalho para ver a cena. Ocorria com frequência, por isso teve que chamar os pais e conversar.	A professora fala que não tem uma estratégia; que se fosse para aplicar a orientação sexual na sala precisaria de ajuda, pois não sabe como explicar o assunto para seus alunos.	Entendemos também que o educador deve ter uma postura de disponibilidade diante do assunto e deixar o aluno à vontade para expor suas dúvidas.	A sexualidade é um dos elementos que constitui o ser humano. Através dela o indivíduo expressa suas preferências, predisposições ou experiências sexuais na vivência e descoberta da sua identidade ao longo da vida

<p>A professora do quarto ano fala que já pegou das crianças, bilhetinhos falando de sexo, com desenhos pornográficos e tomou da mão do aluno. Ao presenciar isto, de imediato, os levou para a diretoria, e a diretora, junto com a coordenadora, conversou com os alunos.</p>	<p>A professora fala que, quando necessário, em situações como estas, fala com os alunos sobre o assunto, faz um círculo com eles em sala e pede para que eles exponham suas ideias.</p>	<p>O professor deve estar atento às questões sobre sexualidade e procurar responder sempre as dúvidas das crianças.</p>	<p>O ensino, concebido como uma profissão, impõe a necessidade de envolvimento dos professores num processo contínuo de formação, visto não mais apenas como quem transmite informações aos seus alunos, mas também como profissionais que criam e constroem conhecimentos sobre o processo de ensino-aprendizagem. Os professores, em sua maioria, vêm sentindo e reconhecendo a importância de estarem envolvidos, constantemente, num processo de crescimento pessoal, cultural e profissional.</p>
---	--	---	--

	<p>A forma de se trabalhar em sala, segundo ela, é explorando os livros que falam sobre o assunto. Os livros aos quais ela se refere são os de ciências, que falam sobre o corpo e a reprodução.</p>	<p>Enfim, que o educador deve sempre ajudar o aluno em todas as circunstâncias; que deve exercer bem o seu papel que é de ensinar todos os assuntos.</p>	<p>É importante que a formação seja continuada, visto que o professor tem que buscar sempre novas informações, pesquisar sobre o assunto, estar sempre buscando meios para trabalhar o tema em sala.</p>
--	--	--	--

3 ANÁLISE DOS DADOS

De acordo com a fala das professoras, a educação sexual não está incluída nos planejamentos. Apesar de a educação sexual estar escrita no Projeto Político Pedagógico da escola e nos Parâmetros Curriculares Nacionais, não é colocada em prática na escola. Segundo o depoimento das professoras, a escola só desenvolve conteúdos da educação sexual, quando acontece alguma situação específica como, por exemplo, quando alguma criança chega com alguma manifestação de sexualidade, quando tenta beijar o colega ou se tocar em público. É quando a escola se posiciona em dar orientação sexual. Para isso, a instituição faz reunião com os pais para contar o fato ocorrido. No depoimento da professora de educação especial, quando o aluno chega com alguma manifestação de sexualidade na escola, ela acha que isso ocorre porque a criança presenciou alguma cena de sexo entre adultos, e quando chega à escola quer fazer com os colegas o mesmo que viu em casa. Já a professora do terceiro ano acha que eles se tocam, masturbam-se ou querem fazer sexo com o colega, porque eles veem as cenas nas novelas. A professora do segundo ano fala que é necessário a educação sexual na escola, diante das manifestações dos alunos e atitudes voltados para o sexo. Reconhece que o assunto é delicado e polêmico e que não sabe como lidar com as situações. É difícil, segundo ela, explicar o assunto sem ser de forma popular e sim de forma científica. Ela diz que as universidades deveriam instruir os professores para essa educação, pois é necessário. A professora da educação especial complementa dizendo que deveria haver

no currículo do curso de pedagogia a disciplina da educação sexual. A professora do primeiro ano diz o seguinte: “Nós, professores, temos o papel de saber ouvir o que nossos alunos querem dizer sobre a sexualidade, tão explorada em alguns deles”.

Durante o meu estágio, gostaria de ter conversado com alguns alunos sobre o assunto, mas, infelizmente, a coordenação da escola não permitiu, justificando que receiam ter algum tipo de problema com os pais.

As falas das professoras evidenciam uma preocupação individual com cada questão que envolve a sexualidade. O professor A cita a falta de orientação familiar, o professor B enfatizou a prevenção de riscos e o professor C pontuou as visões equivocadas sobre o assunto. Contudo, a importância de falar sobre sexo envolve todos estes aspectos, além de outros, visto que o tema envolve várias dimensões que são relevantes e que devem ser incluídas nos diálogos sobre o assunto. Segundo a professora do terceiro ano, dentre as perguntas mais frequentes dos educandos estão questionamentos referentes à virgindade e à gravidez. Todos os professores pontuaram que a família não cumpre seu papel em relação às informações sobre sexualidade.

Como última pergunta, foi pedido que as professoras relatassem o que gostaria de conhecer sobre estratégia metodológica para a educação sexual, quando estivessem diante de questionamentos como: De onde vêm os bebês? O que é ser menino e ser menina? Por que é tão difícil falar sobre sexo?

A professora do primeiro ano fala que a questão “ser menino e ser menina” deveria ser ensinada a partir do maternal, quando as crianças deixam de usar fraldas. A professora deve explicar que menina usa calcinha e menino usa cueca e se posicionar dizendo às garotas que elas são meninas e por isso usam calcinha, assim como a mamãe também; ao menino, explicar que devem usar cueca, assim como papai, para que as crianças já percebam as diferenças de gêneros. Ela fala que o livro de ciências deveria ser mais explorado na parte em que fala sobre o corpo a reprodução etc. Ela responde, ainda, à pergunta “por que é tão difícil falar sobre sexo?”: Sim, por se tratar de um assunto proibido, segundo ela, é complicado convencer a parte interessada, que são os pais. A professora do segundo ano fala que poderia usar como estratégia, diante dessas perguntas, livros paradidáticos desde o maternal, explicando como surgem os bebês, o que é ser menino e ser menina. Ela complementa dizendo que cada turma deve obter livro educativo explicando sobre a sexualidade de acordo com a faixa etária. Segundo a professora do terceiro ano, deveria ter no âmbito escolar palestras conduzidas por

peessoas qualificadas sobre o assunto, e que os palestrantes deveriam sugerir meios de como trabalhar a educação sexual em sala de aula. A professora do quarto ano fala que o melhor método que o professor deve aplicar em sala são as atividades e trabalhar com os alunos essas questões. A professora de educação sexual fala que a melhor estratégia é fazer um círculo com eles, deixá-los à vontade para fazerem perguntas e, em seguida, o professor responder a cada pergunta. Ela fala que, para isso, o professor precisa se qualificar.

3.1 Análise dos resultados

As falas dos professores evidenciam uma preocupação individual com cada questão que envolve a sexualidade. O diálogo entre professor e aluno é essencial para o esclarecimento de dúvidas referente à sexualidade. É comum durante as aulas o aluno não se sentir à vontade para fazer questionamentos pessoais diante de toda a turma fazendo com que, posteriormente, o mesmo requirite ao professor a elucidação de algumas questões. É neste momento que o educador deve se mostrar disponível, explicando e retirando dúvidas de forma clara e objetiva, pois o trabalho pedagógico e as curiosidades sobre sexualidade não se encerram na sala de aula.

As respostas das professoras deixam claro que a necessidade de se obter, no espaço escolar, a educação sexual é muito grande, e para isso os professores precisam se qualificar para dar essa orientação. A professora de educação sexual afirma que “é importante explicar e conversar sobre sexo, porque nem sempre esse assunto é tratado de forma adequada e correta entre as famílias”. A professora do segundo ano fala que considera importante conversar com os alunos, “pois previne os mesmos sobre os riscos existentes no assunto”. Já a professora do terceiro ano também considera importante o diálogo, pois “muitos alunos não sabem como de fato as coisas acontecem; há muita ignorância e informações equivocadas”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da pesquisa realizada, conclui-se que de acordo com as manifestações de sexualidade das crianças através dos seus gestos e atitudes, no espaço escolar, o educador deve estar preparado para lidar com essas questões, evitando opiniões pessoais e reconhecendo a importância de se falar sobre o assunto dentro das instituições. Para isso, os professores devem se qualificar, pesquisar e obter informações para melhor lidar com os discentes de forma adequada em cada fase do seu desenvolvimento.

Na instituição escolar, os professores devem ser devidamente capacitados e preparados para esta função, respondendo às dúvidas que as crianças apresentarem. Devido às manifestações de sexualidade das crianças, é necessário o acompanhamento e a orientação adequados para a sua formação integral como indivíduo. E a escola terá o papel de ensinar e desfazer as distorções aprendidas seja por meio da família ou por outros meios. A criança bem informada, futuramente se tornará um adulto maduro para exercer sua sexualidade de maneira segura e responsável.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. **Orientação sexual nos parâmetros curriculares.** Artigo on line.v. 09 n. 02. Florianópolis, 200.

AQUINO, Júlio G. **Sexualidade na escola:** alternativas teóricas e práticas, São Paulo: Editora sammus, 1997.

BRASIL. Secretaria de educação fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/ SET, 1998.

BRASIL. Secretaria de educação fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** Pluralidade cultural e orientação sexual. V. 08, 3 Ed. Brasília: a secretaria, 2001.

EGYPYO, Antônio Carlos. **Orientação sexual na escola:** um projeto apaixonante. São Paulo: Editora Cortez, 200.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.** Tradução de Paulo dias Correa. Rio de Janeiro: imago Ed, 2002.

FOULCAUT, Michel. **História da sexualidade 1.** A vontade de saber. Ed Rio de Janeiro

MAIA et al.

Guia de orientação (1994)

BRITZMAN (1998)

Freud (1905/1976a)

Sarmento (2009)

(SUPLICY, 1990)

(GUIMARÃES, 2002)

CONSTANTINE; MARTINSON (1984)

Foucault (1977)

Garcia-Roza (1988)

NUNES & SILVA (2000)

KUPFER, 2001

Freud (1908)

Sabat (2008)

Caridade (1997)

(FOUCAULT, 2003).

Sampaio (2005)

Suplicy (1983)

Izymanski (2010),

Sarti (2006)

Ribeiro (2009)